

# Modos de Ver e Pensar

Manuel Porfírio / Sá Coutinho ★ Galeria Barca d'Artes | 8 fev > 9 mar 2020

## *Guardadas a pensar vemos as mãos*

*Adriana Baptista*

Na exposição *Modos de Ver e Pensar*, as obras feitas pela mão de Manuel Porfírio fazem com que regredir, avançar, procurar seja uma forma estável de movimentar o olho para que ver possa encontrar o que não ficou óbvio em nenhum desenho. Olhar as mãos faz com que cada sujeito pense no significado do gesto, no emparelhamento das mãos, no poder do toque, na cor dos dedos e na marca com que cada uma delas, como um registo que a memória conseguiu recuperar, fez história.

O denso e texturado papel recuperou as mãos da caverna. Delas, apenas algo é certo. Não são promessas, não são ex-votos, nem pedidos de cura. Não exibem dor, nem procuram melhorar. Escapam à bidimensionalidade do risco gravado. Escapam à tridimensionalidade da cera que inverosimilmente as aproxima do homem com males e doenças. As mãos são sãs. Fizeram um rumor de gestos, antes de pararem. Estão desenhadas em folhas e dentro de caixas. Aproximam dos observadores a possibilidade de espreitar e de ver, de suspeitar de quem são, onde vão, o que tocaram, o que sabem e segredam entre os dedos. Dos dedos para as costas da mão, fica a força loquaz das palavras dos dedos.

Nestas caixas, as mãos ganham a densidade de ser objetos valiosos, revestindo o interior da base e da tampa e cada uma delas mutilando a hipótese de ser a hábil reflexão do espelho.

Como gerir a densidade de um texto sobre o desenho parece manter-se por resolver quando o desenho exhibe as mãos e as coloca dentro de uma caixa. Não é fácil resistir à sua força icónica e simbólica, dizer sobre cada uma das mãos que o modo como se orienta e mostra os dedos, a palma, a energia, a lassidão, a capacidade de se aproximar, tocar e excitar sobrevive, conduzindo para dentro da mente o que retira da imagem. Cada uma das hipóteses de corpos, tecidos e objetos que com elas interagem, e que não se veem dentro das caixas, fica rápido no olhar do observador. Não faz parte dos dedos hesitar e fugir. Eles têm um poder intenso para estabelecer com o mundo uma relação de conhecimento e uma energia significativa que roça a aproximação mesmo do que se elidiu. As mãos organizam-se dentro de cada caixa para tocar, como

se cada gesto fosse um pensamento e, por isso mesmo, mostram a quem as olha o que não se vê.

Saramago gere, num texto literário, cuja leitura o neurologista Manuel Correia sugeriu para pensar o valor das mãos, uma longa série de palavras sobre as mãos, conferindo-lhes uma vantagem humana, porque ao tocar, sentir, sofrer tornam o cérebro capaz de um conhecimento mágico.

“Na verdade, são poucos os que sabem da existência de um pequeno cérebro em cada um dos dedos da mão, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta. (...) Por isso o que os dedos sempre souberam fazer de melhor foi precisamente revelar o oculto. (...) O que no cérebro possa ser percebido como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, seja o que for que signifiquem sobrenatural, mágico e infuso, foram os dedos e os seus pequenos cérebros que lho ensinaram. Para que o cérebro da cabeça soubesse o que era a pedra, foi preciso primeiro que os dedos a tocassem, lhe sentissem a aspereza, o peso e a densidade, foi preciso que se ferissem nela. O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos, e mesmo nestes tempos, quando nos parece que passou à frente delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tacto, o estremecimento da epiderme ao tocar o barro, a dilaceração aguda do cinzel, a mordedura do ácido na chapa, a vibração subtil de uma folha de papel estendida, a orografia das texturas, o entramado das fibras, o abecedário em relevo do mundo.”

José Saramago in A Caverna

Esta dimensão da magia do conhecimento humano é ainda maior quando não podemos saber ao certo a que domínio os dedos se dirigem, mas nestes desenhos, as mãos iconografadas nos papéis ou dentro das caixas, parecem estar a esconder o mundo onde tocam e o que fazem, de facto, quando se mobilizam para sentir e deixar de sentir. Instauram, por isso mesmo, a urgência da apreensão da sua rotação. Esta rotação esconde e revela o nulo dos objetos que faz as mãos tocar, capaz de deixar suspeitar no que tocaram ou no que querem tocar. Estar guardadas nas caixas não cala a sua voz, antes a entrega, revelada pela abertura das tampas, pela capacidade de supervisão do interior.

São vários os autores a fazer investigações sobre a ação da mão, encetando uma imensa problemática sobre os seus papéis, comparando-as com a capacidade de ver e com a atividade cerebral. Porém, para cada um destes autores as caixas não existem, talvez porque para valorizarem as mãos, não as queiram meter em cofres. Estão longes de perceber o quanto cada mão, ou cada par de mãos em sua caixa seja uma peça hábil e poderosa.

Shaun Gallagher (2013) recupera o que Platão afirmou ao associar definitivamente a racionalidade às capacidades da visão, afirmando que a mão não é mais rápida do que o olho, ainda que a mão se associe à racionalidade e o olho tenha apoio na gestão espacial de que a mão é capaz. Gallagher defende que a afirmação de Anaxágoras quando diz que “o Homem é o mais sábio de todos os Homens porque tem mãos” não pode ser comparada com a afirmação de Aristóteles que diz que “o Homem tem mãos porque é o mais sagaz de todos os seres”, considerando a mão, elevada à racionalidade, o órgão dos órgãos, anulando a dimensão de inatividade que Anaxágoras impunha à mão.

Que diferença é afinal a que decorre entre a concepção de que o Homem é melhor porque tem mãos e a de que o Homem tem mãos por que é o melhor?

Entre cada uma das frases está presente a necessidade da mão no Homem para construir e para agir ou apenas para que possa existir e ser considerado como pertencente a alguém capaz de subjugar quem não a possui.

Susan Stuart (2013) valoriza as capacidades de apreensão, apreensão e compreensão da mão e afirma que as mãos são os ricos instrumentos sensitivos com os quais começamos a experiência que nos permite construir o mundo e que, é a partir desta construção do mundo, que nos construímos a nós próprios. Partilhando a interação da mão (sugerida por Merleau-Ponty em 1968) entre o tangível e o visível e a afirmação kantiana de que “a mão é uma janela para a mente” com um papel afetivo e corpóreo para orientar o sujeito no espaço, Susan Stuart afiança que as mãos estabelecem contacto efetivo e dinâmico de modo distinto do dos olhos e dos ouvidos. Na sua opinião, as mãos encontram perturbações, sentem a diferença e tecem a mudança.

Estas mãos que Manuel Porfírio nos dá a ver dentro das caixas são, de facto, as mãos que, enquanto janela para a mente, nos deixam uma relação afetiva com o mundo, sentido e compreendido de um modo distinto. Elas não estão guardadas, quedas. Não estão ativas a empurrar a tampa para que as caixas se abram. Estas mãos movimentam-se com arte, ruído e voz e impelem a que, quase de forma especular, o observador movimente as suas mãos, tentando replicar as que vê. E, sem que ninguém o veja, este a quem as mãos impõem um pensamento, roda os dedos, encontrando os ossos e a pele para sentir a capacidade da mão articular o espaço, onde entrando pode roubar a sua própria densidade, basculando o contorno dos corpos e dos objetos que não se veem.

Não é possível refletir sobre esta capacidade gráfica das mãos para aquele que observa o desenho que respira dentro das caixas, sem pensar no modo como os investigadores possuem a necessidade de definir todas as suas possibilidades. Entre estes, quase não é possível ignorar Natalie Depraz (2013) que instala a listagem infinita da fenomenologia da mão. Partindo da forma como Henri Focillon (2010) faz o elogio da mão quando afirma “A mão é ação, ela agarra, ela cria e, por vezes, até dá a impressão de que está a pensar.”, esta investigadora enumera através das conceções de diferentes autores (Leroi-Gourhan, Merleau-Ponty, Levinas, Sartre, Michel Henry, Danis Bois, Paul Ricoeur ...), a estrutura fenomenológica da mão entre a metafísica e a antropologia, onde a mão é uma notável assinatura da nossa humanidade, ligando a mão à inteligência e à capacidade de tomar decisões.

Aqui, estas mãos que não deslizam, mas que se instalam dentro das caixas, densas e poderosas no papel, mostram sempre a sua capacidade pensativa, assumindo, como Focillon reclama, que o Homem fez a mão, mas que a mão também fez o homem, juntando rigorosamente a mão a todas as atividades que exigem pensamento.

Agarrar, trabalhar, modelar enquanto experiências humanas, sociais e corporais, estes desenhos aproximam a mão humana daquela que foi considerada a mão divina criadora. Mas a mão humana foge, distancia-se desta porque não é arte, cria a arte. A mão humana desenha e até arrisca desenhar a mão, exercendo sobre ela o poder de reproduzir esteticamente a sua infinita capacidade. Cresce e move-se não apenas na sua dimensão construtora, mas também na sua capacidade de chamar a atenção, usando um conceito de proximidade e de distância do outro e do próprio corpo que a mão, para além de gerar, pode tocar, amar e desenhar.

Por isso, nesta exposição, cada mão em cada caixa, dialeticamente, no seu poder cognitivo, cumpre o que afirma Focillon, ou seja, faz com que o gesto da mão arranque o

toque de uma passividade apenas recetiva. As caixas de Manuel Porfírio com as mãos humanas dentro são como as cavernas que especularam a força e a sensibilidade da mão humana, grafando a escrita da palma da mão na parede. Cada um destes desenhos, mesmo os que dentro das caixas exibem, sem intrusão, mão na mão, estabelece uma relação com a emoção e traz a subjetividade para a inexplicabilidade da capacidade de articular espaço e emoção. Cada um destes desenhos introduz sentido na indagação do observador que questiona qual a mão esquerda, qual a direita, qual a consequência da mobilidade infinita da mão.

Aqui, o artista desistiu da palma da mão e, por isso, desistiu da impressão. Dentro de cada uma destas caixas, nas obras assinadas, o artista abdica de ser identificado, como se cada mão fosse um autorretrato. Nenhuma delas é a mão que se auto-desenha, como em M.C. Escher, nem a mão que se imprime, fazendo o seu volume esvaziar o espaço que ocupa. Cada mão fica apenas disponível para que vê-la convoque o desejo de pensar.

**Bibliografia:**

- Depraz, N. (2013). Phenomenology of the Hand. In Zdravko Radman (editor) The Hand, an organ of the mind. Cambridge: MIT Press
- Focillon, H. (2010). Eloge de la main. In vie des forms. Paris: P.U.F.
- Gallagher, S. (2013). The enactive hand. In Zdravko Radman (editor) The Hand, an organ of the mind. Cambridge: MIT Press
- Kant, I. (1929). The critique of pure reason. N. Kemp Smith (tradutor). New York: MacMillan
- Merleau-Ponty, M. (1968). The visible and the invisible. Evanston, IL: Northwestern University Press
- Stuart, S. (2013). Privileging Exploratory Hands: prehension, apprehension, comprehension. In Zdravko Radman (editor) The Hand, an organ of the mind. Cambridge: MIT Press



**Manuel Porfírio**

mporfiriosantos@gmail.com  
(+351) 394262389

**Atelier-Studio ♦ Caminha - Portugal**

Praça de Espanha, 11  
4910-123 Caminha

**Residência ♦ Porto - Portugal**

Rua do Falcão, 800, 3º C Esq.  
4300 – 178 Porto

**Centro Cultural do Alto Minho . Galeria Barca d'Artes – Rua de Manjovos 31, Viana do Castelo**